



# Paixões e feminicídio

*Considero que não notamos que haja algum sujeito que atue mais imediatamente contra nossa alma que o corpo ao qual está unida, e que, por conseguinte, devemos pensar que aquilo que nela é uma paixão é comumente nele uma ação; de modo que não existe melhor caminho para chegar ao conhecimento de nossas paixões do que examinar a diferença que há entre a alma e o corpo, a fim de saber a qual dos dois se deve atribuir cada uma das funções que existem em nós.*

René Descartes, 1649

Na clínica psicanalítica seguidamente nos deparamos com relatos de relações violentas e manifestações agressivas entre casais, a violência contra a mulher atingindo na atualidade cifras alarmantes, nem sempre valorizadas e, por vezes, subestimadas como comuns no cotidiano, por vezes até vistas como “expressões do amor” e do erotismo entre os pares. Nossa atenção, porém, foi despertada nos últimos tempos pela incidência altíssima da violência contra a mulher e do feminicídio, com um aumento na pandemia, em diversos países. Voltamos nosso interesse para a pesquisa

em psicanálise desde Freud e Lacan, dois autores que avançaram muito na compreensão da psicopatologia da vida amorosa.

Entre as patologias mais graves, é significativo que tanto Freud, no caso Schreber, como Lacan, no caso Aimée, partem da paranoia a partir do narcisismo e da descoberta lacaniana de que o Eu (moi) se constitui à imagem do outro especular. É indiscutível a atração que a paranoia exerce na clínica psicanalítica pela riqueza de suas expressões e pela possibilidade de uso da linguagem falada por meio do relato dos delírios, ou da palavra escrita no caso de

Schreber relacionados a Deus e ao seu médico Fleschig, ou nos romances escritos por Aimée dirigidos ao príncipe de Gales. Nesses quadros clínicos aparecem excessos e a expressão de paixões nas quais o Eu (moi) do ser que fala se constitui à imagem de um outro, identificando-se com esse outro, com o qual passa a formar um duplo. Um duplo estrangeiro capaz de ameaçar ou de descumprir com desejos e expectativas desse Eu, em pleno exercício do imaginário carente de vias simbólicas.

A introdução da linguagem cria uma separação entre as palavras e as coisas, num movimento que em termos lacanianos pode ser definido como uma transposição de registro. Por intermédio da simbolização, algo morre no real, onde a rigor tinha apenas *ex-sistência* (termo que Lacan toma por empréstimo de Heidegger), e emerge no simbólico, onde passa a fazer parte da realidade, que em Lacan difere do real enquanto registro. Já em Freud o ato fundador da ordem simbólica está ligado à morte: o assassinato do pai da horda primordial e seu reaparecimento subsequente como totem representa paradigmaticamente a morte da coisa que dá ensejo ao significante. Mais precisamente, o simbólico está relacionado ao conceito de pulsão de morte: a passagem da natureza à cultura implica que o homem funciona num regime de excesso, distinto do funcionamento biológico normal. A satisfação a que almeja a pulsão de morte é o gozo, um impulso desenfreado para o prazer gerando repetição, excesso, desprazer, sensações devastadoras que põem em xeque nosso equilíbrio. O simbólico surge com as inscrições do gozo no infante e, ao mesmo tempo, institui retrospectivamente o gozo e o limita, colocando fim ao excesso e instalando o princípio do prazer que promove a homeostasia e o equilíbrio psíquico. Assim, a vida humana desenha um arco entre o real indiferenciado do gozo absoluto e o real indiferenciado da morte. A aquisição simbólica permite ao sujeito um perfeito ajuste ao juízo de realidade: quem sou eu e quem é o outro? Qual o limite? Até onde sou eu e quando esse outro tem sua autonomia,

seu direito de fazer suas próprias escolhas.

O feminicídio, termo originário do inglês *femicide*, refere-se ao assassinato de mulheres por razões de gênero. Diana Russel e Jane Caputi redefinem o termo em 1990 como “O assassinato de mulheres por homens motivado por ódio, desprezo, prazer ou sentimento de possessão da mulher” (Russel, 2006, pp. 76-77).

Desde o início dos tempos a mulher é referida num papel subalterno, como acontece na Bíblia: Eva concebida de uma costela de Adão, responsável pela expulsão do paraíso, indutora do pecado e agindo por impulsos diabólicos. Na Grécia antiga as mulheres viviam reclusas no gineceu, local reservado para afastá-las do convívio com os homens e demais componentes da família.

Na literatura, Freud encontrou subsídios para estudar amor e loucura. Em Cervantes encantou-se no amor delirante e recomendou a leitura de *Dom Quixote* à sua noiva Martha, as aventuras do cavaleiro andante e sua paixão erotomaníaca por Dulcineia. E, principalmente em Shakespeare: em *Hamlet*, o amor edípico; em *Romeu e Julieta*, o amor romântico com fim trágico; em *Rei Lear*, o amor incestuoso e em *Otelo*, o mouro de Veneza, o feminicídio de sua loira e linda esposa Desdêmona. Após matá-la afirma tudo ter feito por amor!

## Caso clínico

Joana tem em seu guarda-roupa, no quarto, uma caixa metálica que costuma olhar todos os dias, sem abri-la, com amor e saudade.

Como tudo podia ter sido diferente! [diz], jamais imaginei na vida que isso pudesse acontecer. Eles se amavam de verdade, não podiam viver um sem o outro, casaram-se em seis meses porque Carlos seria indicado para trabalhar no exterior e queria levar minha filha. Não podiam separar-se, mas já no primeiro mês ele começou a ficar ciumento, a controlar seus passos, a suspeitar que tivesse outros namorados, mas eram felizes e a gente pensa-

\* Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

va que tudo era amor demais... Ela sofria, mas achava que ele a amava demais, por isso a controlava tanto. Depois ela ficou grávida e meu netinho nasceu. Uma felicidade! Decorridos dois anos Carlos foi ocupar uma cargo na África do Sul e eles se mudaram. Sofri muito, sentia muita saudade. Falávamos por telefone e mandava fotos, pareciam tão felizes! Depois de um ano começou a dizer que queria voltar para o Brasil, que não estavam bem. Numa noite tocou o telefone de madrugada e acordei assustada! Era da embaixada comunicando que minha filha tinha morrido. Fiquei em choque e chamei minha irmã. Não parava de chorar, me informaram que ele a matara, que estava preso e que eu deveria viajar até lá para retirar as cinzas de Andreia. Meu neto ficara com a família do pai. Foi tudo muito horrível porque me lembro de quando ela era pequena, por vezes meu marido me batia e ameaçava nos matar, e tínhamos que fugir correndo pelo mato até a casa de minha irmã.

Este relato impressionante nos dá conta do elemento transgeracional do impulso feminicida presente no vínculo tanático. Este aspecto não é considerado pelas autoridades policiais e não é investigado antes do desenlace, atendo-se o registro policial em *medidas protetivas de distanciamento* determinadas pela lei, visando afastar o agressor da vítima, porém ainda assim, deixando a mulher totalmente desprotegida e à *mercê* do drama familiar e dos pactos inconscientes impregnados de pulsão de morte, já inscritos na formação dos vínculos transgeracionais da família.

Paixão e loucura formam o substrato dos estudos de Gaëtan Gatian de Clérambault, o grande mestre de psiquiatria de Lacan, estudos que instilaram no seu aluno o interesse pelas psicoses passionais descritas em três níveis: erotomania, delírio de ciúmes e delírio de reinvidicação, para Freud, incluídas nas neuroses narcísicas.

*Amablemente* (milonga)

*La encontró en el bulín y en otros  
brazos*

*Sin embargo, canchero y sin cabre-  
arse,*

*le dijo al gavilán: "Puede rajarse,  
el hombre no es culpable en estos  
casos."*

*Y al encontrarse solo con la mina,  
pidió las zapatillas y ya listo,  
le dijo cual nada hubiera visto:  
"Cebame un par de mates, Catalina"*

*La mina, jaboneada, le hizo caso...  
y el varón, saboreándose un buen  
faso,*

*la siguió chamuyando de pavadas...*

*Y luego, besuqueándole la frente,  
con gran tranquilidad, amablemen-  
te,*

*le fajó treinta y cuatro puñaladas.*  
(Rivero e Diez, 1963/1964, mús. 11)

## REFERÊNCIAS

- Cruz, M. (2017). Un abordaje de la noción de feminicidio desde una perspectiva psicoanalítica como recurso para mejorar la aplicación de la normativa legal vigente. *Ajayu Órgano de Difusión Científica del Departamento de Psicología UCBSP*, 15(2), 214-251.
- Czermak, M. (1998). Atualidade e limites da paranoia. Em M. Czermak e L. Sciara (org.), *A clínica da psicose: Lacan e a psiquiatria* (Vol. 2, pp. 73-84). Rio de Janeiro: Tempo Freudiano.
- Descartes, R. (2017). *As paixões da alma* (C. Mioranza, trad.). São Paulo: Lafonte. (Trabalho original publicado em 1649).
- Freud, S. (1969). Notas psicanalíticas sobre o relato autobiográfico de um caso de Paranoia (Dementia Paranoides). Em J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).
- Lacan, J. (1985). *O seminário. Livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (2011). *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade. Seguido de: Primeiros escritos sobre a paranoia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1932).
- Peskin, L. (2003). *Los orígenes del sujeto y su lugar en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
- Peskin, L. (2015). *La realidad, el sujeto y el objeto*. Buenos Aires: Paidós.
- Rivero E. e Diez, I. (1964). *Amablemente*. Em *En Lunfardo* [LP]. Buenos Aires: Phillips. (Trabalho original publicado em 1963).
- Russell, D. E. H. (2006). Definición de feminicidio y conceptos relacionados. Em D. E. H. Russell e R. A. Harmes (ed.), *Feminicidio: Una perspectiva global* (pp. 73-94). México: CEIICH-Unam.
- Tyszler, J.-J. (1998). A propósito das psicoses passionais. Em M. Czermak e L. Sciara (org.), *A clínica da psicose: Lacan e a psiquiatria* (vol. 2). Rio de Janeiro: Tempo Freudiano.